

A EXPERIÊNCIA DA ESCRITA COM A ESCRITA

Marta Elaine de Oliveira¹

Resumo: O movimento que a escrita traz ao escriba é a possibilidade de inventar-se enquanto se escreve. Com a escrita o escriba entra em produção de um estilo que é a própria maneira como ele existe e se percebe no mundo, podemos compreender o estilo como sendo o modo de subjetivação ao qual se está entregue. A partir da experiência com a escrita, através da escrita, o escritor traz à tona a produção de própria subjetividade do escrito, a produção de um estilo, do seu modo de existir e de se constitui o seu processo de invenção. Entregar-se a escrita é o convite que se faz neste escrito.

Palavras-chave: Experiência; escrita; estilo

Quando se é arrebatado pelo desejo de escrita não se sabe onde vai chegar, que caminhos as mãos e os pensamentos irão percorrer. O que se espreita é o lançar-se em uma produção artística, em que os materiais são a vida, os fluxos e a sua processualidade, que se insere na experiência da escrita.

Quando se deseja escrever, o escrevente se entrega em uma produção da própria fabricação enquanto ele escreve:

O escritor, através de sua escrita, apresenta os fluxos que envolvem o seu vivido. Num exercício exaustivo, ele escreve e re-escreve, buscando palavras que tenham a finalidade de se aproximar da explicitação de sua experiência, ou daquela que ele propõe apresentar.

É desse modo que na escrita temos: um escriba, frente ao seu instrumento de trabalho, que executa uma fabricação de um acontecimento que está na relação estreita entre o querer e o acaso. Os papéis rascunhos são testemunhos dos arabescos de um pensamento no qual se enxerga uma procura desejante. Apagar é deixar suspenso, é se atrever a procurar por algo menos contingente, menos impreciso e propor algo ainda mais contingente e ainda mais impreciso, fazendo assim do escrito uma obra de arte.

Com a escrita, o escriba é inventado.

E o que se produz, nesse processo? Outra experiência: a experiência da escrita, com a escrita.

Na experiência da escrita, as menções remetem ao sentido e ao que foi experienciado de algum modo. Ao se remeter às experiências, busca-se elencar, à primeira vista, algo que foi relevante, algo que impressionou, enfim, algo que chamou e que, talvez, ainda chame atenção.

Segundo Deleuze e Parnet, “escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (1998, p. 11).

Sendo assim, a escrita pode ter “uma função estética e política de criação de si. Não de criação de “eus” ou de demarcação de autorias e sim de alteridade, o desmanchar de modelos que reproduzimos quase como se fossem naturais” (MACHADO, 2004, p. 46). Então, ao mesmo tempo em que a escrita esconde o sujeito de uma exposição física, ela se apresenta em uma expressão de sentidos que o mostra, o trai e o despe num “exercício de estilo” (ROCHA, 2007, p. 292).

Portanto, o compromisso que se faz na escrita de uma experiência não é um compromisso com a “beleza”, mas com a vida e com sua potência.

Contrário a isso, em uso da razão na escrita, numa perspectiva cartesiana que aprova métodos para garantir a obtenção de “verdades”, ela é submetida a seus modos de coerência,

¹ Professora da rede pública municipal de Juiz de Fora e no curso de graduação em Pedagogia no Instituto Metodista Granbery. Possui graduação em matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), especialização em Educação Matemática pelo Núcleo de Educação e Ciências, Matemática e Tecnologia (NEC/FACED/UFJF), mestrado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFJF e doutoranda em Educação pelo PPGE/UFJF. E-mail: martaoliveirajf@gmail.com.

consistência lógica, de relação cronológica, e outros. Isso, então, favorece que a escrita seja condicionada às formas estabelecidas de entendimento. Nesse sentido, o “escrito não é senão a figura empobrecida dessa experiência” (LARROSA, 2007, p, 156).

Todavia, parafraseando Larrosa, no que diz com respeito à leitura e transportando isso para a escrita, poder-se-ia dizer que pensar a escrita como um exercício no qual o escritor se revela através de seus escritos contos – fabulações – prosas – poemas – marcas – fragmentos – estilhaços – enfim qualquer artefato no qual ele se dispõe a escrever e por que não dizer a formação do próprio escriba, implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do escritor: “não só com o que o escritor sabe, mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a escrita como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos”.²

Assim, a escrita passa a ser entendida numa perspectiva de possibilitar o confronto entre modelos estabelecidos, a criação e a multiplicidade de visões e diálogos que o escrever, sobre uma experiência, potencializa.

Nesse movimento, o escritor não se constitui em uma singularidade sem uma mortificação de tudo que teria podido ser e escrever, ou seja, “não há presença que não seja signo de uma ausência” (ONFRAY, 1995, p. 92). Dessa maneira, fugindo de uma cristalização particular, o escritor determina seu estilo ao fazer escolhas que produzem o seu mundo.

Nas palavras de Deleuze e Parnet, “escrever é também devir outra coisa diferente de um escritor” (1998, p. 17). Pode-se, assim, dizer que, ao escrever, somos atravessados por *devires*: *devir-professor*, *devir-pesquisador*, *devir-aluno*. Com isso o escritor traz consigo o seu estilo.

Segundo Onfray, o estilo tem relação com o estilete, “um utensílio, o prolongamento da alma e o instrumento do espírito, a mediação entre o interior e o exterior.” (1995, p. 79). O estilete, por sua vez, possui uma ponta fina e afiada e uma extremidade achatada que funciona como uma espátula, com a qual é possível apagar as hesitações na construção de uma obra. “Cada um de nós é proprietário de um estilete sem a extremidade que permite apagar. A ponta, unicamente a ponta. Os erros, as falhas, os traçados imprecisos não podem ser retomados” (ONFRAY, 1995, p. 79).

O mesmo autor diz que “o estilo é também parte do pistilo que carrega o estigma numa flor. Ele está situado imediatamente no alto do ovário e projeta no espaço este ponto que pede a fecundação [...]. O estilo é vetor de germinação, ereção em meio às pétalas” (1995, p. 79).

Então o estilo compreende o estilete e estigma – instrumento de criação e ponto de fecundação, tanto por sua relação com sua potência de criação quanto pela relação com a escrita. Assim, retomando: o estilo é o modo de subjetivação ao qual se está entregue.

Dessa maneira, o escritor com seu estilo, traz junto o seu estigma e seu estilete, local e instrumento de criação (contos – fabulações – prosas – poemas – marcas – fragmentos – estilhaços) que se manifestam em pura invenção.

Contos – fabulações – prosas – poemas – marcas – fragmentos – estilhaços de um escritor, rememorados através da materialidade – a escrita, funcionam como matéria-prima ao pensamento, isso possibilita a vida. Cada matéria-prima tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância.

Enfim, este texto, movido pelo desejo de escrita, através da experiência com a escrita, é o resultado dos meus encontros fecundos com intercessores literários prósperos em minha dissertação de mestrado. O que esteve em jogo aqui foi a possibilidade de pensar a escrita como uma experiência de escrita e/ou escrita da experiência, como explicitação de um estilo e como

² A frase original é: Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a escrita como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos (LARROSA, 2007, p. 130).

ponto de fecundação para a criação de contos – fabulações – prosas – poemas – marcas – fragmentos – estilhaços – produzidos pelas experiências de escrever.

Referências

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998. p. 11.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. *Caminhos investigativos* – novos olhares na pesquisa em educação (1996). 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 156.

MACHADO, Leila Domingues. O Desafio Ético da Escrita. *Psicologia & Sociedade*, v. 16 (1), n. especial, p. 146-150, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a12.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2009.

ONFRAY, Michel. *A escultura de si: a mora estética*. Tradução: Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 92.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Tornar-se quem se é – a vida como exercício de estilo. In: LINS, Daniel (Org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência*. Rio de Janeiro: Forense Universidade; Fortaleza: Fundação de Cultura Esporte e Turismo. 2007. p. 292-303.